

Astrid Cabral

INTRAMUROS

2ª edição

VALER
EDITORA

Os antigos rapazes do Clube da Madrugada reivindicavam para Astrid Cabral o título de primeira mulher a pertencer às hostes da agremiação. Custa a crer que isso tenha acontecido. Na Manaus daqueles tempos – e longe se vão os anos de 1950 –, moças de bem não se metiam nisso. Astrid pertencia à categoria de pessoas que não se misturavam com boêmios sem arcar com as consequências de ficarem malvistas entre os seus. Os antepassados da moça, oriundos da mais elegante elite intelectual da terra, jamais permitiriam tal escândalo. Foi então que Astrid se converteu na musa dos poetas do Clube. Bela e inteligente, precoce em suas atividades artísticas na produção de textos e na declamação de poemas, a demonstrar simpatia pelas novas correntes estéticas, seu renome ganhou as rodas literárias da cidade e os jovens aedos da madrugada a elegeram como primeira mulher a pertencer ao Clube.

Sim, ela integrou-se ao Movimento Madrugada por meio da sua confissão artística, mas sem se afundar nas noites da boemia. Fascinava-a o fenômeno cultural que se manifestou em Manaus como produto do esforço criador daqueles jovens idealistas. Eles desejavam renovar a linguagem e a expressão das formas de arte na poesia, na literatura, nas artes plásticas, na música, no teatro, na dança, no cinema, e no estudo das ciências sociais, como Economia, a Sociologia e a Política. Em verdade ela foi a musa de todos até o dia em que o poeta goiano Afonso Félix de Sousa a prendeu na gaiola do seu coração e a arrebatou das árvores e dos rios da Amazônia. Não, não arrebatou, não, porque Astrid estava comprometida com o visgo da terra e não

INTRAMUROS

Ao querido poeta Joaze
Feitosa, com o saudoso
abraço de sua amiga

Astrid
Rio, 25.07.2011

Copyright © Astrid Cabral, 2011

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

CAPA

Mariana Félix

PROJETO GRÁFICO

Lucas Terço

REVISÃO

Núcleo de editoração Valer

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

C224i Cabral, Astrid.

Intramuros. / Astrid Cabral. 2.ª ed. revista. – Manaus: Editora Valer, 2011.

114 p.

ISBN 978-85-7512-291-4

1. Literatura brasileira (Amazonas) – poesia I. Título.

CDU 82.1(811.3)

2011

Editora Valer

Av. Ramos Ferreira, 1.195 – Centro

69010-120 – Manaus – AM

Fone: (92) 3635-1324

www.editoravaler.com.br

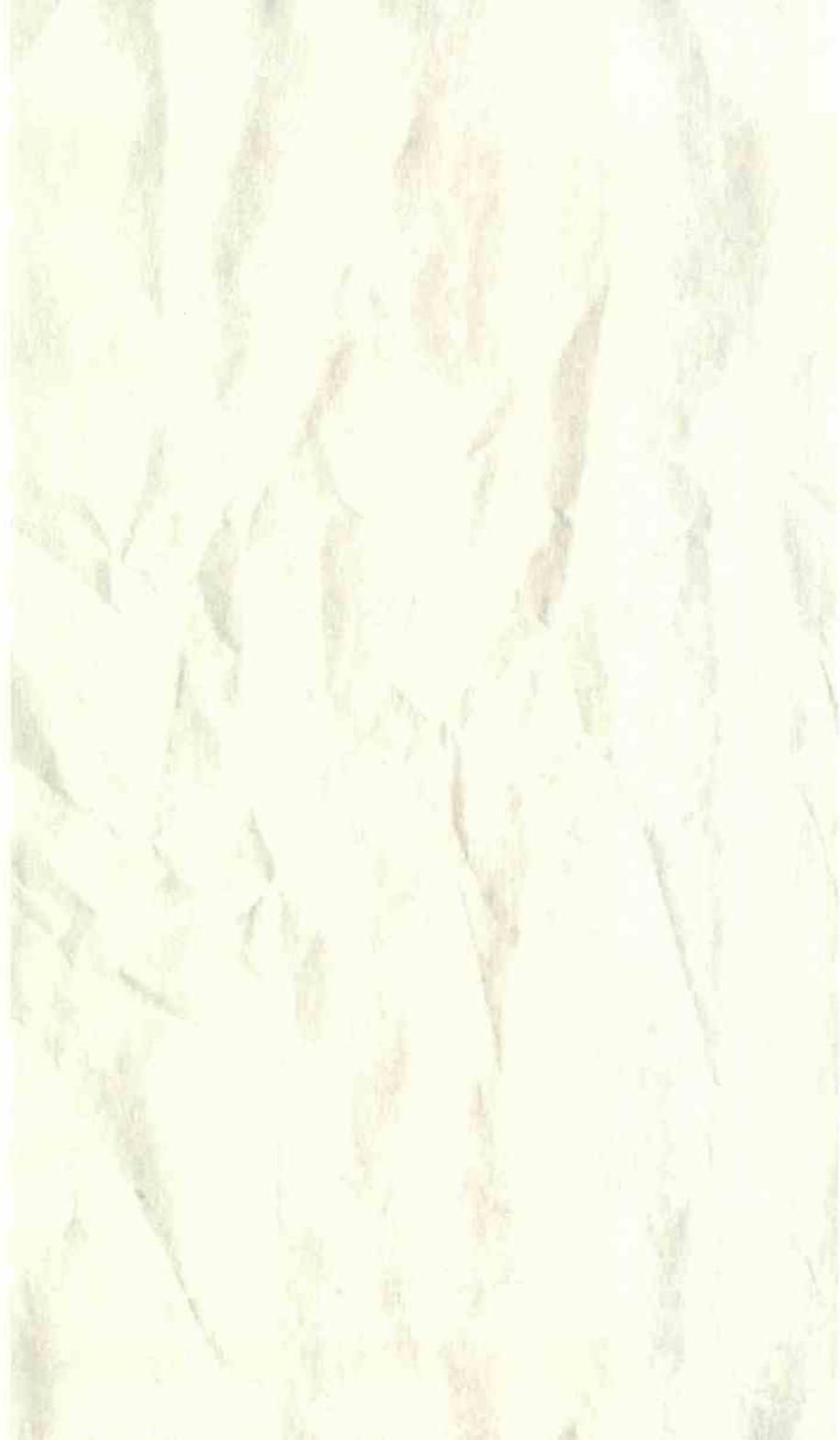
ASTRID CABRAL

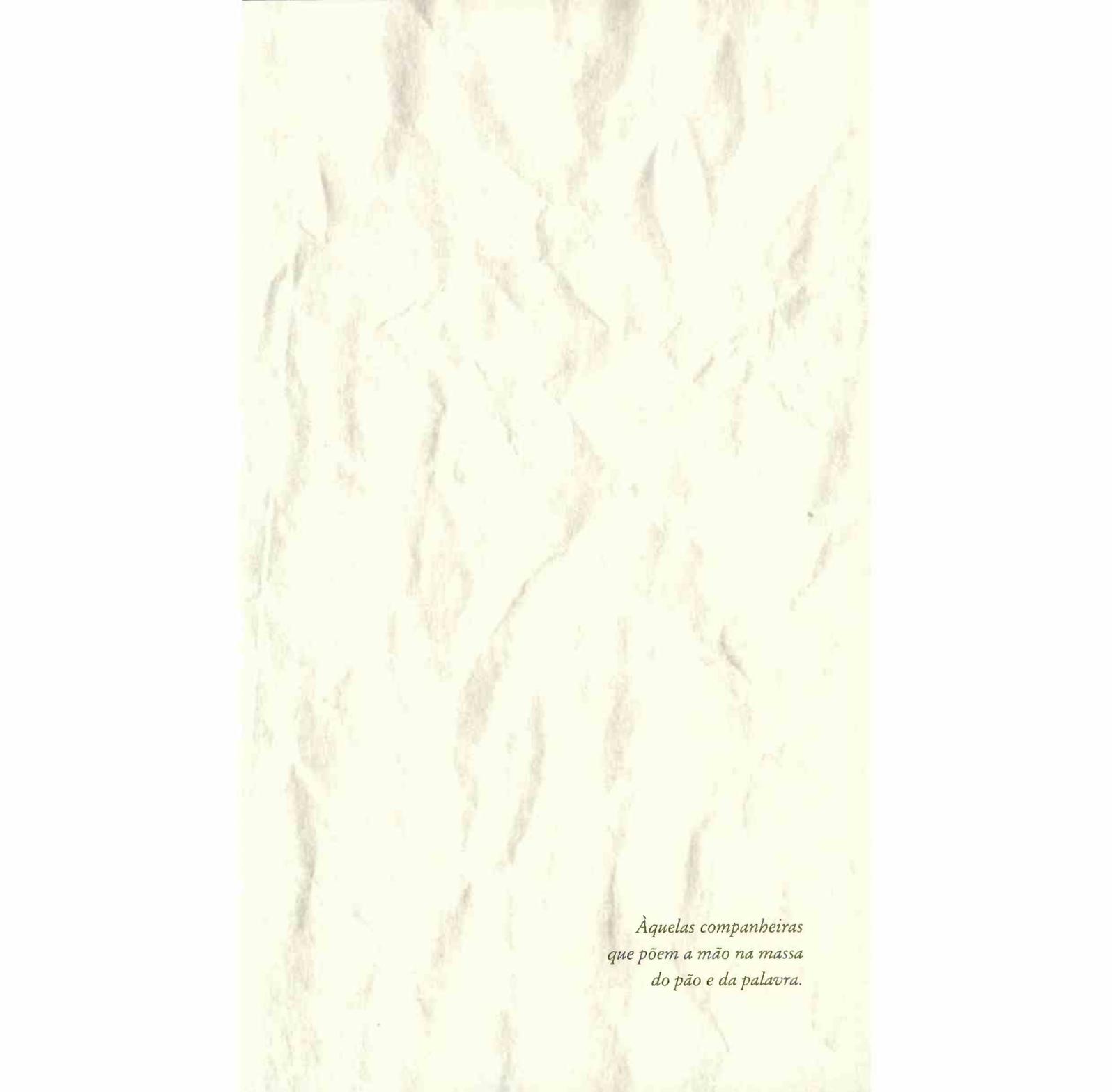
INTRAMUROS

2.^a edição revista pela autora

Prêmio Nacional de Poesia Helena Kolody – 1997

VALER
EDITORA





*Àquelas companheiras
que põem a mão na massa
do pão e da palavra.*

SUMÁRIO

Intramuros – As palavras essenciais – Fausto Cunha.....11

INTRAMUROS.....19

Portal do dia....21

Xícara....22

Sanduíche matinal....23

Epifania....24

Jogo de casa....25

A pedra do Rio Verde....26

A cacimba no quintal....27

Amendoeira....28

Piscina....29

Sal....30

Ovo estrelado....31

Comunhão....32

Natureza morta....33

Feira....35

Buffet miniatura....36

Metamorfose....37

Divisão....38

Glosando minha avó....39

Demolição.... 41
Ciclo.... 42
Ventiladores.... 43
Crochet.... 44
Parque dos tecidos.... 45
Ritual de partida.... 47
Périplo próximo.... 49
Danúbio.... 51

JAULA..... 53

A fera.... 55
Cão bifronte.... 56
Onça sem pelo.... 57
Canto de cisne.... 59
Bicho-de-sete-cabeças.... 60
Três cavalos-marinheiros.... 61
Nome aos bois.... 62
Baleia albina.... 64
Reordenação do mundo.... 67

EXTRAMUROS..... 69

Rastros do paraíso.... 71
Painas plumas.... 72
Luziânia revisitada.... 73
Miniatura colonial.... 74
Aurora em Alto-Paraíso.... 75
Natureza viva.... 76

Velório vermelho....	77
Catedral de bambu....	78
Postais sul-americanos....	79
Postais de Paris....	83
Roma sob pólen....	91

NOTA BIOGRÁFICA.....	109
----------------------	-----

Nota do Editor: *Foram acrescentados à presente edição 25 poemas inéditos: em Intramuros, “Natureza morta 5” e “Danúbio”; em Extramuros, “Postal sul-americano 9” e “Postais de Paris 13 e 15”, e a série “Roma sob pólen”.*

INTRAMUROS – AS PALAVRAS ESSENCIAIS

Fausto Cunha*

“A menor natureza morta é uma paisagem metafísica”, escreve o poeta Francis Ponge. Talvez porque o homem, de algum modo, *sobra* dentro da natureza e passa a vida inteira procurando o lugar de seu repouso, de sua morte. Daí que “o menor arranjo de coisas, no menor fragmento de espaço, o fascina” como prenúncio de seu destino.

É toda uma bela página inspirada nas telas de Chardin, tido como o grande pintor francês da realidade no século XVIII. Ponge quer, também, ser o poeta do mundo real, do mundo das coisas e dos objetos, quer apreender e transportar, com os recursos da linguagem, “a realidade material” desse mundo de pedras, plantas, frutos e até do sabão e da ostra. Tira das amoras uma arte poética. Sua poesia situa-se dentro da fenomenologia da natureza, que vem de Jean-Paul Sartre, seu grande admirador, e Sartre por sua vez entende a metafísica no sentido que lhe dá a fenomenologia de Husserl e de Heidegger.

Fenomenologia é bem a palavra-chave para ingressar no universo poético de Astrid Cabral e captar o que, nela, é uma visão própria da realidade. Devemos essa percepção, desde o pri-

* Fausto Cunha (1923-2004). Renomado crítico, ensaísta e ficcionista pernambucano, radicado no Rio de Janeiro. Autor de importante obra literária, notável por sua agudeza de pensamento, erudição e pioneirismo na *science-fiction* brasileira.

meiro instante, a outra poeta de altíssimo plano, Lélia Coelho Frota, no estudo introdutório que escreveu para o livro de estreia, na poesia, de Astrid Cabral, *Ponto de cruz* (1979). Sua leitura, que é também uma lição de crítica poética, estabelece com nitidez “as duas forças imaginantes – a do conceito intelectual e a da matéria imediata –” que na poesia de Astrid Cabral se contrapõem “harmoniosamente, revelando a um tempo as vertentes filosófica e instintiva de seu *eros* e de seu pensamento”. Faz uma aproximação com Ungaretti através da fenomenologia, para nos deixar compreender melhor esse “entrelaçamento de filosofia e poesia”. E completa, com o conhecimento e a vivência de quem exerce e domina o fazer poético: “Só a palavra poética pode mensurar a distância entre o existir e a extinção”. Ponge. Ungaretti. Astrid:

O ventre
O berço
O voador
O velocípede
A bicicleta
A moto
O automóvel
A maca
O caixão
O chão.
(“Ciclo”)

Sem adjetivos.

O mundo real permeia a obra de Astrid Cabral desde os contos de *Alameda* (1963). À visão lírica, à contemplação da natureza, legítimas quanto sejam como fonte de poesia, ela prefere o olhar atento e minucioso para romper a casca da aparência sob a qual tudo se esconde, desentranhar das coisas e dos

objetos, até mesmo dos seres, uma relação não meramente afetiva e, sim, de coexistência, sem temer o conflito.

Eis o tom rude da demolição:

*Desmorono o império doméstico
trono onde se acasalam as coisas
sacralizadas em hieráticos nichos.*

Mas ela pensa também como O. A. de L. – Milosz (tão caro a Bachelard): é necessário conhecer “os objetos designados por certas palavras essenciais, tais como pão, sal, sangue, sol, terra, água, luz, trevas, assim como todos os nomes de metais”. Foi Milosz quem disse: “Somos feitos de argila e de lágrimas” e a poesia de Astrid Cabral denota uma viva consciência dessa origem. Assim, ela permite que confluam e se conciliem duas linhas aparentemente distintas como são a fenomenologia do mundo real e o conhecimento dos arquétipos. A própria Astrid Cabral já confessava em *Ponto de cruz*: “a eternidade dos metais / me assusta e desafia” (“Eternos metais”).

Neste livro de maturidade que é *Intramuros*, a poeta, dentro da organicidade que há na sua obra, encontra o ponto de equilíbrio entre essas duas linhas:

*No céu do prato
um sol me olha
com olho de ouro.*
 (“Ovo estrelado”)

ou em “Natureza morta”:

*Réplica da terra
a laranja é síntese*

*do redondo infindo.
Sol líquido embalado
para a sede do homem.*

Talvez se encontre em “Sal” o exemplo mais expressivo:

Sal

*Sólido instante
do líquido parêntese
entre oceano e água
ao sol no tanque*

Sal

*Num gesto te devolvo
à água original
e no sangue te absorvo
em líquido lance*

A escolha é intencional a fim de chamar a atenção do leitor para uma delicada aliteração que sugere a passagem de sal a sol a sangue.

Ainda uma palavra sobre a maneira como Astrid Cabral entra em contacto com esse “pequeno mundo”. Sua sensibilidade não é uma via de escape, está aberta, e mesmo receptiva, a todas as sensações; pode ser lírica: “Debulho feijões de corda / como quem debulha auroras” ou prosaica: “Feira”; de um descritivo lúdico, “Buffet miniatura” ou de um súbito achado poético: (a pinha): “verdes escamas / se abrindo / em sorriso: / alvos dentes doces” (“Natureza morta”).

“Jogo de casa” será talvez, dentro dessa primeira parte de *Intramuros*, a pedra de toque, e sobre ela a própria Astrid Cabral poderia evocar o poeta de *Charmes*: “Je compose en esprit...” – embora não sob os mirtos, emblema da glória, mas “sob te-

lhas”. É uma longa enumeração (e esta é em si uma figura de pensamento), disposta em dísticos entremeados por um mote ou refrão e obedecendo a um esquema de rimas em que predominam aliterações e homofonias, além de um ritmo marcado visualmente por uma certa distância entre os vocábulos, distância também no mundo real. Persiste no poema a impressão de um todo coeso, em que as coisas e os eventos se relacionam intimamente. Se em “Ciclo” nos é dada uma biografia em que a cronologia entre princípio e fim está referida a objetos, em “Jogo de casa” (que antecede no livro) tudo se passa como num inventário lido um pouco sardonicamente, até o dístico final, em que todo esse mundo material mostra a sua face e chega ao seu destino. Astrid Cabral não postula uma simples nulificação do presente, porque o presente, mais que o passado vivido ou a memória, é sua matéria e há na sua obra um permanente sentido de presença. Ela não assiste, ela se integra no momento que passa. Nem estamos, em “Jogo de casa”, diante de um sentimento de temporalidade, desse *ubi sunt* que indagará mais adiante.

Os três poemas que abrem a segunda parte, “Jaula”, levam títulos emblemáticos. Como tais, não se propõem a ocultar o pensamento poético, e, sim, a iluminá-lo, no amplo sentido que tem o verbo, mas sem perda de uma interioridade que está na condição do poema. São animais interiores, não, porém, da categoria metafísica, como alguns incluídos por Jorge Luis Borges na sua zoologia fantástica. Lembrar que William Blake inseriu seu “The tyger” nas *Songs of experience*.

De outra natureza é o “Bicho-de-sete-cabeças” que, sem se confundir com as “feras”, também não corre na matilha dos cachorros que “uivam em horas de raiva / contra as jaulas da cortesia / e as coleiras do bom senso” (em *Lição de Alice*, 1986). É um dos melhores poemas de Astrid Cabral, com seu

expressivo fecho quase aforístico: “Todo bicho fica meigo. / É só botar no colo”.

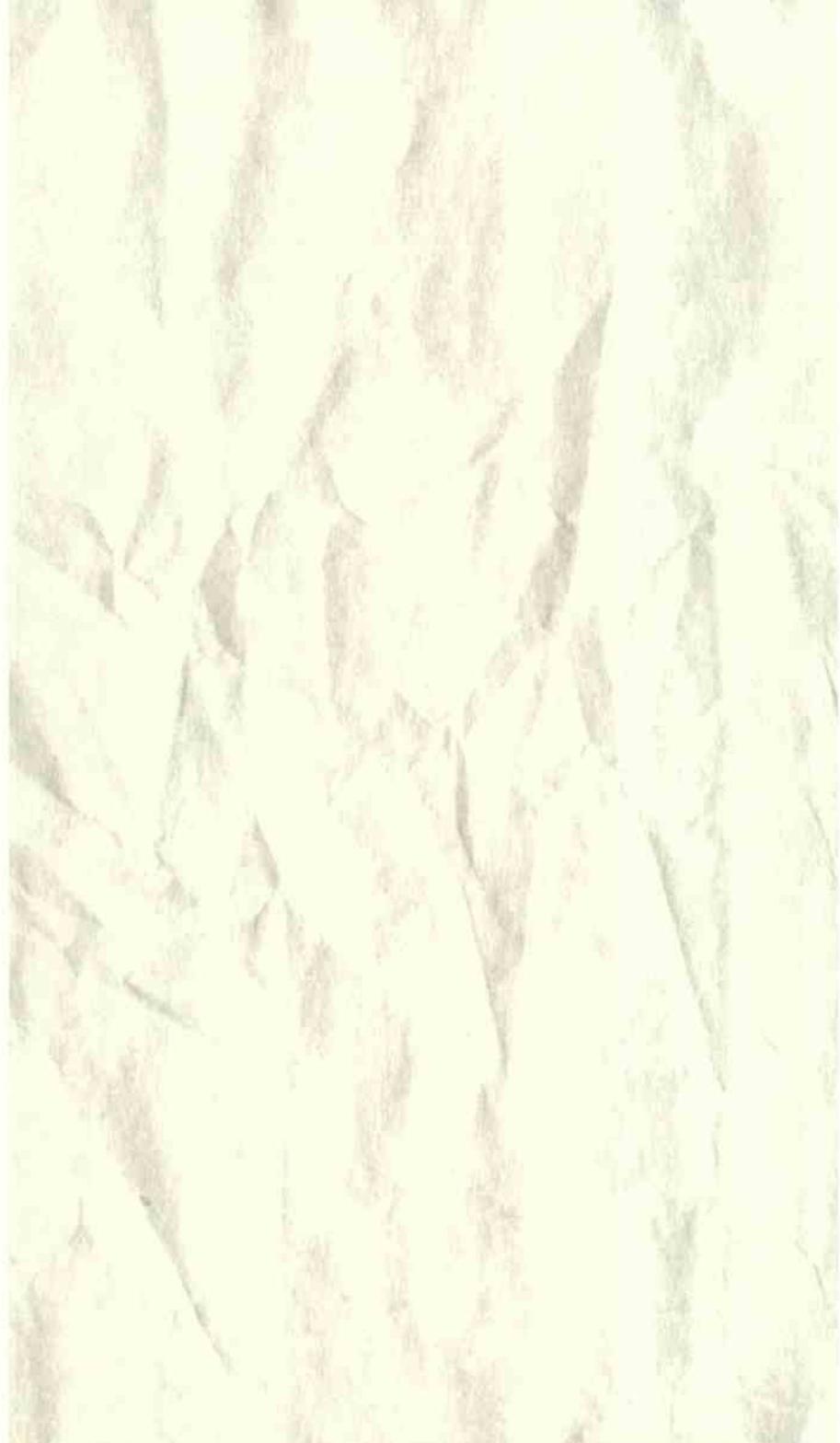
“Três cavalos-marinhos” nos traz de volta à proposição inicial, a fusão entre poesia e filosofia. Uma e outra são necessárias à contingência da natureza humana – alguém já disse que o poeta é um caso extremo. E a “Baleia albina”? Em “Jaula” parece uma composição isolada, fora de seu mundo próprio, por isso que se desprende para uma dicção nova, essa talvez de um imagismo na verdadeira era da imagem, dando corpo atual à proposta dos primeiros imagistas, de uma poesia sem romantismo em que o poeta escolhe “palavras concretas” para apresentar “imagens visuais”. Na tevê, a baleia é simultaneamente sua realidade e sua imagem, imaterial. O poema não está fora, é certo, do denso território poético de Astrid Cabral, cuja obra sobressai pela riqueza temático-formal e pelo domínio da expressão, um vocabulário cheio de nuances, preciso e pessoal, por vezes surpreendente, uma obra enraizada que se nutre de motivos do mundo sensível. Daí que permanece aberta à criação.

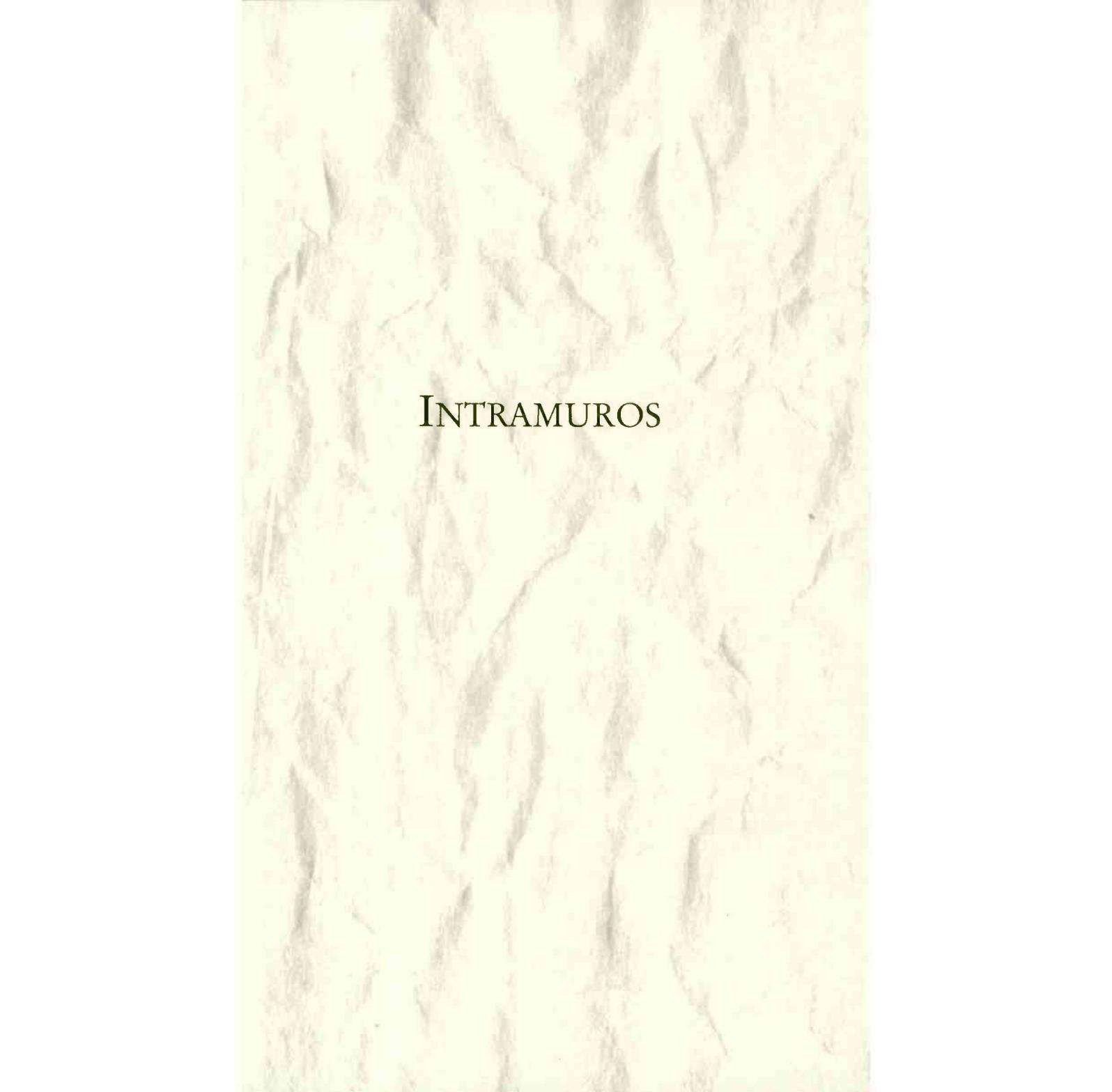
Ela é um ser que se move dentro da poesia. Mais uma vez podemos vê-lo já na terceira parte do livro, “Extramuros”, onde novamente o mundo real dita a sua presença. Em “Natureza viva” e “Velório vermelho”, duas composições finamente trabalhadas, estamos – como pedia Valéry, para quem o poema “deve ser uma festa do intelecto” – diante da participação dos recursos sugestivos da linguagem, que vão da musicalidade aos cromatismos, das aliteraões às onomatopeias. De modo singular, “Velório vermelho” nos manda de volta a Francis Ponge, agora em frente de uma natureza viva, a mimosa com seus glóbulos de ouro.

Nessa poesia sem telhas e sem grades (em “Miniatura colonial” as telhas curvas são “canoas de borco”, são “ondas” pa-

ra as pombas marinhas) cabem o tom elegíaco de “Luziânia revisitada” (A sorte é que ainda me lembro, / ainda me lembro de como era antes”) e a percepção dos seres e das coisas nos “Postais”. Nunca é um registro imóvel; de maneira às vezes imprevisível a poeta, como todo artista, acrescenta um pouco de si à paisagem, ao cenário.

Esse um pouco de si, para Astrid Cabral, significa uma entrega total à poesia.



The background of the page is a vertical strip of marbled paper with a complex, organic pattern of dark brown and grey veins on a light cream-colored base. The pattern resembles natural stone or aged parchment. The word "INTRAMUROS" is centered horizontally and vertically on this strip.

INTRAMUROS

PORTAL DO DIA

Trapos da noite nas pálpebras
levo à mesa do café
a ressaca da insônia
e apática me defronto
com a ágil apressada manhã
de xícaras tilintantes.
Que fazem aqui as laranjas
emigradas das árvores?
Bem estariam nos galhos
escuros da madrugada
em vez do agressivo prato
de onde me encaram furtivas.
O cheiro do café chega
saudando-me sem palavras.
Que dia pois será esse
chamando-me implacável
a cumprir seu torvelinho
quando a noite ainda me cobra
altos tributos de sombra?
Azul, no bule de louça
o pássaro imóvel e mudo
revela-me a ironia
do ser exilado do real
enquanto ébria da véspera
vacilo ao portal do dia.

XÍCARA

A xícara de louça
aparentemente muda
me fala de horários
chás cafés chocolates
itinerários de bocas
rituais de doação
em festas ou rotinas
exemplos de serviço
sabedoria de medidas.
Doméstica andeja
a xícara de louça
no chão da bandeja
andarilha entre
armário mesa pia
encenando sutil
a cerimônia do dia.

SANDUÍCHE MATINAL

Mastigam-se ao café
entre fatias torradas
jornais com pingos de sangue
jornais com furos de bala.
No portal da manhã
o sinistro sanduíche
energiza os transeuntes do dia.
(Engavetado o remorso
dos crimes bem menores)
Omissões? traições? covardias?
Transgressões mínimas.
Todos, subitamente, melhores.

EPIFANIA

Supunha a luta de classes
a disputa pelo poder
assunto para alta esfera
algo da alçada de chefes
ou meta de exércitos...
até que ela me disse:
– A senhora pediu peixe
achei melhor assar carne,
ó, tome o talão do açougue
veja bem quanto me deve.
A partir daí descobri
a estratégia da política
na exígua linde doméstica.
Comecei a ver guerras
até no vaivém das formigas
nos azulejos da cozinha.

JOGO DE CASA

Sob telhas

centelhas fagulhas borralho
olhos-d'água água na talha

Sob telhas

galhos alhos coalhos
molhos repolhos toalhas

Sob telhas

agulhas retalhos
malhas fitilhos ilhoses

Sob telhas

rodilhas presilhas
palmilhas sapatilhas

Sob telhas

mulheres abelhas
colheres talheres

Sob telhas

parelhas filhos filhas
espelhos ilhas

Sob telhas

armadilhas navalhas
batalhas partilhas mortalhas

A PEDRA DO RIO VERDE

A José Godoy Garcia, perito em pedras e poesia.

A pedra do Rio Verde
gera um rio em minha casa
fluindo subterrâneo
sob o tapete da sala.
A pedra do Rio Verde
zomba das seis torneiras
cuspindo miúdas águas
na louça dos lavabos.
A pedra do Rio Verde
ri do ínfimo território
onde presa não me espraio.
Ri das janelas fechadas
minha defesa da chuva.
A pedra do Rio Verde
tem dó dos tinhorões
ali no exílio dos vasos.
Despreza o ventilador
a miséria do seu vento.
Destrona os vários relógios
tão levianos com o tempo.
A pedra do Rio Verde
quebra a madeira das portas
e na mãe terra, de volta,
me recoloca liberta.

A CACIMBA NO QUINTAL

Repara a cacimba:
miniatura de lago
poço abreviado
espelho cuja fundura
se penetra o avesso.
A cacimba mina, chora
vagarosa, discreta.
Flui feita a vida
e modesta sequestra
a nuvem lá de cima.

AMENDOEIRA

A ruiva amendoeira
expõe as folhas feridas
sobre o azul sereno.
Bordado de besouro?
Fome de alguma formiga?
Rastro de gota de chuva?
É o que menos importa
quando o olhar atravessa
a renda das órbitas nuas.
As chagas consanguíneas
às folhas em carne viva
remetem a outras feridas.

PISCINA

As crianças se lançam
no líquido retângulo
– simulacro de lago
rio de quatro margens.
mar domesticado –
Camarões rosados de sol
deleitam-se ensaiando
a pele dos peixes
e o balé das baleias.
Sonham a pré-história anfíbia.
Deitam-se sob a colcha das águas
regressando à bolsa das mães.

SAL

Sal

sólido instante
do líquido parêntese
entre oceano e água
ao sol no tanque.

Sal

num gesto te devolvo
à água original
e no sangue te absorvo
em líquido lance.

OVO ESTRELADO

A Lina Tâmega Peixoto

Do céu do prato
um sol me olha
com olho de ouro.

É quando entalo
de cara a cara
com o nunca pássaro.

É quando engasgo
lembrando em mágoa
o canto náufrago.

COMUNHÃO

Debulho feijões de corda
como quem debulha auroras.

As vagens entre meus dedos
outras falanges mais finas.

Terra sol chuvisco lua
no verde ambíguo distingo.

Sinto a seiva das neblinas
toco a saliva do orvalho.

Penso no abismo da queda
entre paisagem e panela.

Caninos trincando auroras
antecipo a comunhão.

NATUREZA MORTA

1. Réplica da terra
a laranja é síntese
do redondo infindo.
Sol líquido embalado
para a sede do homem.
2. Cabeça de folhas
cujas línguas úmidas
de orvalho saliva
convidam o apetite
a improvisar jardins
nas toalhas.
A alface floresce
prece de paz
o fino leite do talo
amamentando a calma.
3. Ao partir o mamão
revela-se a estrela:
pentágono encravado
na aurora da polpa.
A caverna constelada
de pevides não brilha.
Atesta em sombra
o cósmico timbre.

4. A pinha se amadurece
se oferece:
verdes escamas
se abrindo
em sorriso:
alvos dentes doces.

5. No aconchego da fruteira
as mangas
mudaram de redondeza.
Em vez de galhos
braços de louça.
Chão sem verde a mesa
e o teto de gesso
céu sem azul.

Ainda bronzeadas
trazem na pele
rubor de aurora
e em despedida
murchas se engelham
o aroma agonizante.

Porém o osso caroço
dentro da polpa frágil
rijo não se abate
sabe que vai durar
e sorri triunfante.

FEIRA

Sobre a álaçre feira entorna-se o sol
polindo a rubra casca das maçãs
iluminando a prata das escamas.
Murcham porém legumes hortaliças
e as beterrabas saudosas da terra
roxas ressentem-se no frio do exílio.
E boia no olhar dos plácidos peixes
funda nostalgia do mar perdido.
Empilhado, humilhado num lote
o caju bicado de passarinho
remete à extinta glória do dia
em que, tal estrela, pendia no ar.

BUFFET MINIATURA

Canteiros de couve-flor orvalhados de azeite – dedos de vagens e quiabos – pulseiras de cebola brancas e roxas – azeitonas olhos negros ou verdes – batatas em montanhas de salada – lagos de molhos com flutuantes folhas – ninhos de alfafa – floresta tombada de brócolis – palmitos colunas decepadas – ovos de codorna seixos pintados – tomates esfatiados agonizando em leito de alfaces...

METAMORFOSE

No regaço da louça
o pêssego tão corado
é um pequeno sol.
Como à tentação resistirem
os dentes famintos?
Logo o astro se eclipsa
pelo túnel do corpo
e se torna baço bagaço
no regaço de outra louça.

DIVISÃO

Lavo panos e panelas
o olhar buscando estrelas.
Quero a água
que não vem da torneira.
Quero o fogo
que não vem do fogão.

GLOSANDO MINHA AVÓ

“Não, não me caem os dedos da mão”
se esfrego nódoas no algodão
se prego botões ou remendo rasgões
se me calejo com rodos e vassouras
ou esquitejo réstias de cebolas.
Não, não me caem os dedos da mão
se limpo cuspe, gosma de feridas
rastros de urina, catarro nas pias
lodo nos ralos, restos de festas
e fezes, o lixo no saldo dos dias.
Não, não me caem os dedos da mão
se eles mergulham o núcleo da lama
e o mar redentor de cloro e sabão.
Dedos não são monopólio de cordas
de violão e viola, nem tampouco
das teclas de pianos e máquinas.
Dedos não pertencem somente
a riscos e rabiscos de canetas
a bailados de amor e ternura
a bofetões de incontida fúria.

Dedos não se destinam apenas
ao requinte de merendas e rendas
à contradaça de talheres
à cintilação de alianças e anéis.
Dedos foram feitos para o exercício
do magnífico e do mínimo.
No universo cabendo qualquer gesto
não nos caem os dedos da mão.

DEMOLIÇÃO

Desmorono o império doméstico
trono onde se acasalam as coisas
sacralizadas em hieráticos nichos.

CICLO

- O ventre
- O berço
- O voador
- O velocípede
- A bicicleta
- A moto
- O automóvel
- A maca
- O caixão
- O chão.

VENTILADORES

1. Múltiplas asas brancas
voam não voam revoam
no céu não céu da gaiola.
Surdo zumbir de abelhas
ou murmurar de manso mar
o canto é puro pranto
que na sala se espalha.
Servil, essa ave cativa
longe de auroras e nuvens
nostálgica imita a brisa.
2. A libélula presa
no vão do ventilador
protesta contra a tarefa
de gerar a brisa.
Em seus ombros de pluma
o clima pesa chumbo.

CROCHET

Embora o sequestro das trevas
as mãos de Dona Zinha
estão pousadas na mesa.

Seus gestos amarrados um
a um por nós desatam-se
em telas de aranha
talos
pólen
pétalas.

Visíveis as linhas azuis
represam nas entrelinhas
serões e tardes antigas.

Das linhas azul-turquesa
brotam orquídeas – milagre
desabrochando na mesa.

PARQUE DOS TECIDOS

Pelo balcão da loja de tecidos
ao feroz fio da tesoura
entre talhos e pilhas de retalhos
loteiam-se pomares e jardins
de bailarinas borboletas.
Sobre o limpo chão dos panos
(em lotes bem-comportados
ou despencados feito cachoeiras):
pencas de samambaias e avencas
ventanias e tufões de folhas
cestas de sanguíneos morangos
ramos de dramáticas rosas
tufos de alegres gerânios.
Ali na feira têxtil, mulheres
negociam por metro no varejo
o esplendor da primavera
e a fartura do outono.
Compram com a fome do belo
nos olhos, não mais aos quilos,
peras, maçãs, romãs, figos
ramalhetes de cravos e violetas...

E como se fora pouco
apropriarem-se de matas, cascatas
do próprio arco-íris da flora,
lançam-se também à conquista
do azul que ninguém alcança
porém, no cetim ali, tão à mão.
(Nessas fazendas pequenas
plantam sementes de ilusão.)

RITUAL DE PARTIDA

Para Ângela de Campos

Enquanto me dilacero
rasgando papéis em resmas
mais as redes da rotina
sibipirunas me espiam
– pernas plantadas tranquilas –
mas pupilas amarelas
passeando persianas.
Enquanto desato nós
e arranco de mim raízes
tropeçando nas lembranças
sibipirunas me espiam
livres, bagagem nenhuma
somente a roupa do corpo
cintilando no após chuva.
Enquanto a casa esquitejo
em cordilheiras de caixas
(talvez caixões de um enterro)
sibipirunas me espiam e espiam
imersas na imensa paz
de quem já transpôs o caos.

Elas me espiam e espiam
enquanto eu, perdida,
dedos nos ossos dos anos
devo embalar tanta vida
em vastos armários de ar
(a alma, um armazém de tralhas).
Elas me espiam e espiam
enquanto eu, partida,
devo ir onde sopra o vento.

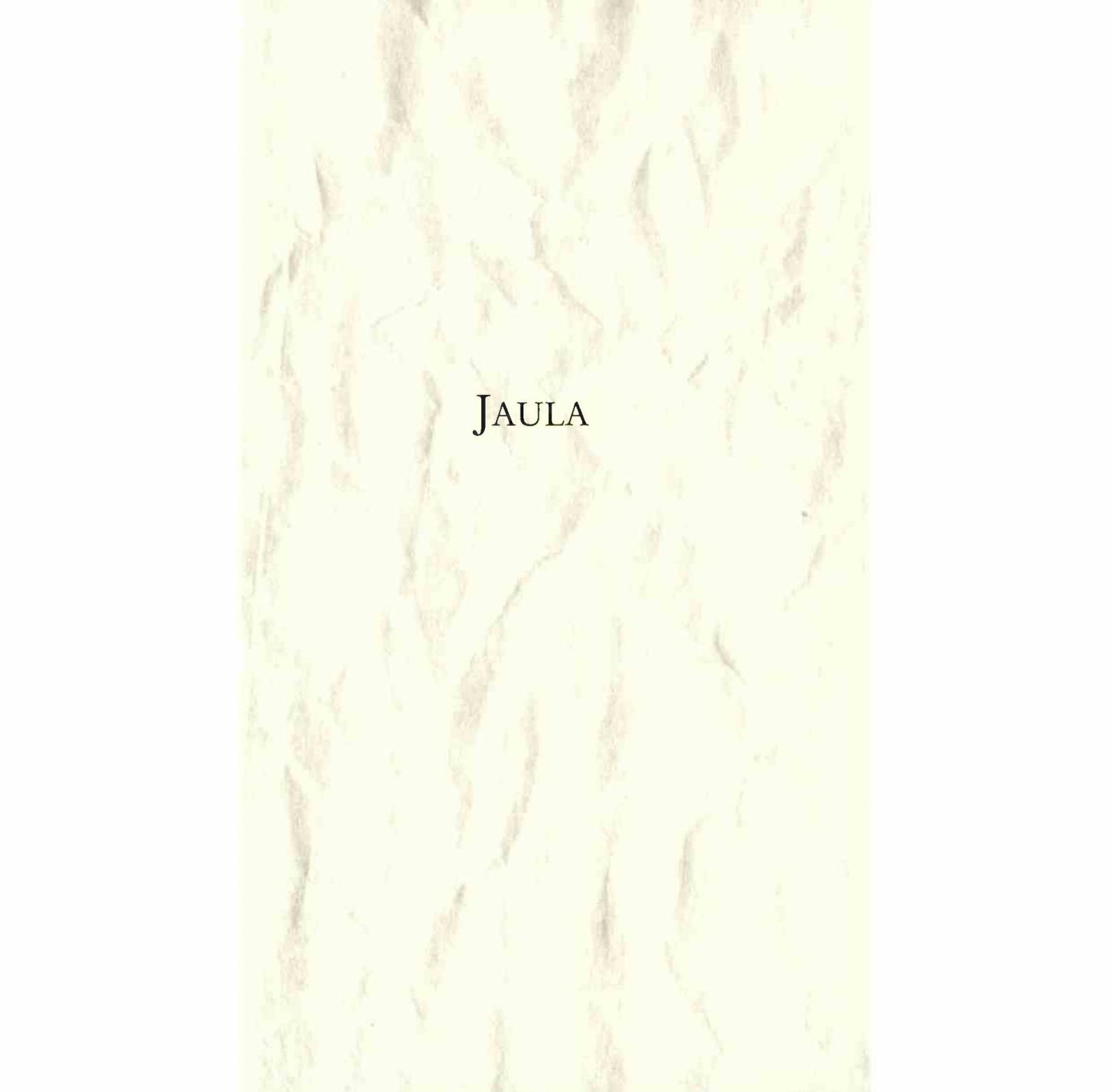
PÉRIPLO PRÓXIMO

Entre paredes percorro o globo
toco cubos de gelo dos polos
molho as mãos em olhos-d'água
a manar de fontes metálicas.
Rejo o fogo de miúdas crateras
sob o bojo das panelas
de onde às vezes rolam lavas
espessas, doces ou salgadas.
Entre paredes percorro o globo
mergulho num lago oblongo
onde recendem violetas
(colhidas em fundos de gavetas)
onde esponja e espuma lembram o mar.
E vou por entre taludes de livros
e dunas de trouxas e almofadas
e me enredo entre as vias
lácteas de cortinas rendadas
e me deito no vale dos lençóis
e piso jardins nos tapetes.

Entre paredes percorro o globo
e apalpo florestas atrás dos móveis
e adivinho a sílica nos vidros
e a cinza dos astros na poeira.
Por menor que seja o percurso
do mundo entre quatro paredes
amor maior é o que me move.

DANÚBIO

Em Budapeste
na piscina do hotel
o Danúbio me abraça
me lambe e massageia.
Enfim, consegue ser azul
conforme Johann Strauss.
Já viajou pelo vão das pontes
e escapou à paisagem
embrulhado em escamas
de muitos focos de luz.
Clandestino, veio valsar
para o deleite dos hóspedes
nos tépidos ladrilhos
do salão de esportes.



JAULA

A FERA

Braço a braço lutamos desde sempre.
Mal o vestido de noiva despi
e agudas garras sobre nós lançou.
Por uma década de pura glória
exibi meu triunfo pela casa:
o varal embandeirado de fraldas.
De teimosa, porém, não desistiu.
Recusou-se a enxergar o olho da rua
que, fula aponteí vassoura em punho.
Fez pacto com o tempo e se acampou
o parceiro paciente dizendo-lhe
quem por último ri, ri bem melhor.
Mobilizou no meio tempo dúzias
de terríveis malandras artimanhas.
Armadilhas armou, fez estratégias
trocou de nome, cara, pele e trajes
usou máscaras bárbaras e raras
e deitou-se entre nós no vão da cama
por breves e por longas temporadas
até que se apossou de vez do amado
e com a bocarra de sangue manchada
riu e gozou com a minha solidão.

CÃO BIFRONTE

Vens e me lambes a fronte
e com o olhar me tateias
azeite a se derramar
pelas cacimbas e montes
do corpo ao anzol do gozo
exposto tal peixe tolo.
Mas súbito um vulcão
te sacode e então explodes.
Lates, a boca arregaças
e em mim, das garras presa
o marfim de adagas cravas
para que eu te reconheça.

ONÇA SEM PELO

Não é por conta do medo
que não encaro de frente
essa onça sem pelo.
Amoitada em mim
não lhe vejo a cara.
Só vislumbro no espelho
o rastro das patas.
Também a surpreendo
oblíqua e maquilada
em faces conhecidas
onde risos de empréstimo
lembram dentes protéticos
nas bocas caricatas.
Bem sei que essa onça
esconsa e arredia
ora lépida no bote
ora lenta na agonia
faz tranças brancas nas fronteiras
e pergaminho nas peles.

Bem sei que essa onça
se enjaula na caixa
dos ossos mordendo-me
de quando em quando os flancos
em discretas ameaças
ou lambendo-me as chagas
em provisória pena
mas, astuta, cresce à sombra
morcegando-me o sangue
de sede insaciável.

CANTO DE CISNE

As cigarras serram
toras ao sol.
Torram as horas
derramando alarde.
Arrastam-se
rasgando a seda da tarde
escarrando ária metálica
arranhando tímpanos.
Ocultas nas ramas
em histérica algazarra
chamam a chuva que tarda.
Desesperadas
despedem-se pondo
a praça em pânico.

BICHO-DE-SETE-CABEÇAS

À medida que envelheço
as sete cabeças do bicho
corto. Enfim o reconheço
íntimo de mim, meu próximo.

À medida que envelheço
conquisto-lhe o segredo.
Vejo a morte iniciação
à viagem pelo avesso.

À medida que envelheço
digo: o bicho é meu amigo.
Não, não há porque maldar
envenenando o sossego.

À medida que envelheço
sinto-me remanescente
num deserto onde tropeço
por entre sombras de ausentes.

À medida que envelheço
aprendo a perder o medo.
Todo bicho fica meigo.
É só botar no colo.

TRÊS CAVALOS-MARINHOS

Nódoas, mágoas
vossa persistência
que água lava?

Caroços, remorsos
vossas arestas
que fogo cresta?

Medos, pesadelos
que alavanca
no ar vos levanta?

NOME AOS BOIS

Vamos dar nome aos bois
antes de nos perdermos
pelos currais e pastos
cerrados, ermos, gerais.
Vamos dar nome aos bois
e mais: vamos despir
o lobo hóspede velhaco
no pelo da ovelha vítima.
Já é tempo de fazer jus
de discernir as serpentes
e devidamente chamá-las
corais, cascavéis, sucurijus.
Mas como nomear ou batizar
os bois que não são bois?
As inéditas e fantásticas
bestas que infectam-infestam
nossos prados sem cerca
com seus anônimos tropéis
urros e berros insólitos
suas bostas como bólidos
de planetas ultrarremotos?

Bois que por não serem bois
afivelam asas de dragões
e não consentem que palavra
alguma lhes capture as patas
em armadilhas de fonemas
ou lhes curve os cangotes
sob o cabresto de letras.
Vamos dar nome aos bois
e chamar os dicionários
de burros de tão mudos
pois as tresmalhadas manadas
de bois que não são bois
como vamos nomeá-las?

BALEIA ALBINA

Pelo úmido azul
a baleia albina baila
e assombra
a sala em penumbra
barbatanas rêmiges
a massagear
volumosa massa d'água
o trêmulo transparente
corpo marinho...
Marítima mamífera
a espriar
a cútis de elanca
Enquanto as gordas vastas ancas
nadam dançam
se lançam
pelos pastos salgados
de algas e sargaços...
Será menina
a baleia albina?
Será adulta
a náufraga lua animal?
Ou centenária
a submarina cetácea nau?

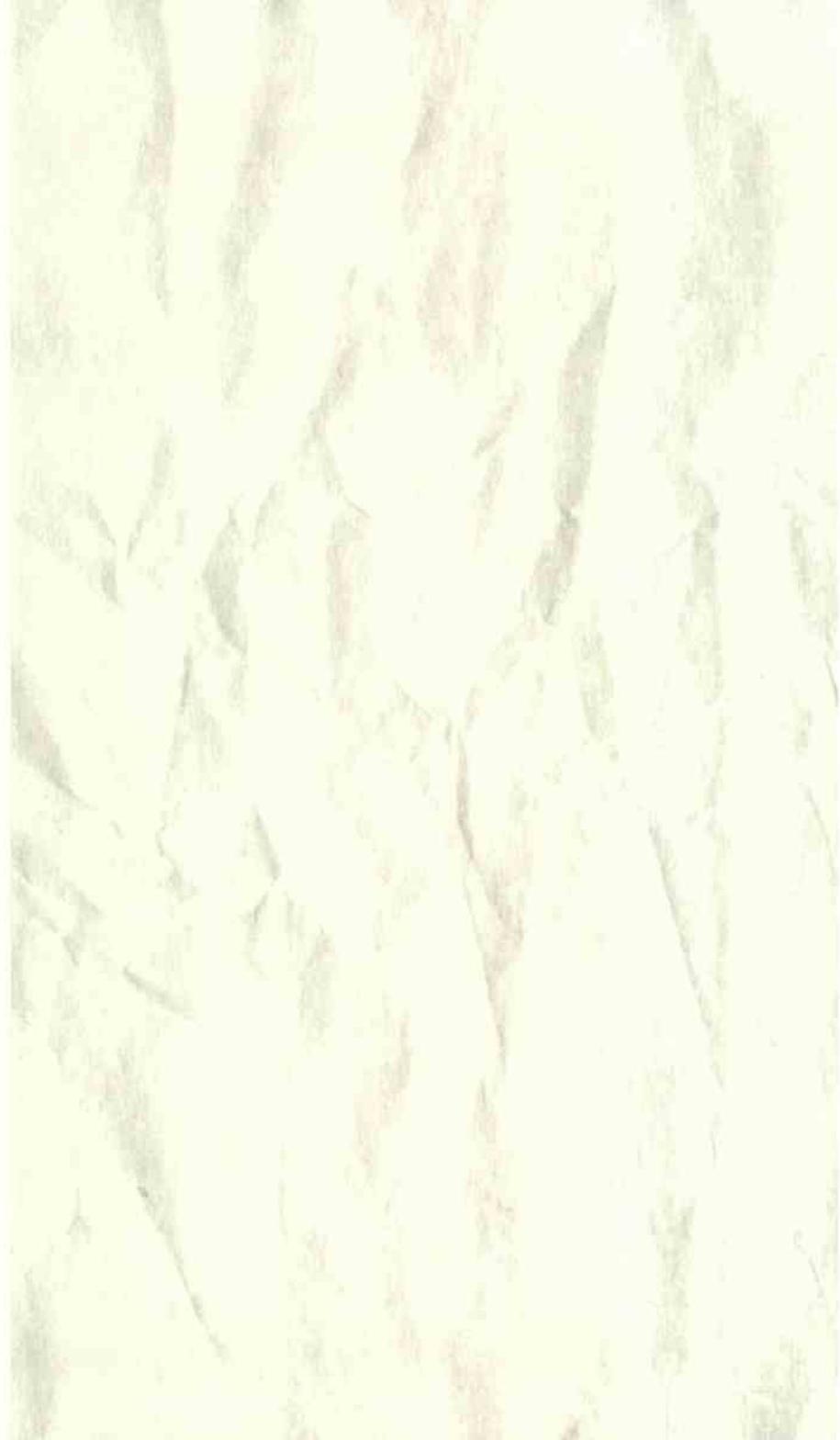
Senhora dona do aquático sítio
supondo-se
solitária soberana
desfila tranquila na líquida passarela
e revela
coreografia de estrela
e solfeja
cantiga de amor arquiantiga
e corteja
sem saber-se a prima-dona
de um megaespetáculo
sem pressentir
a intimidade exposta
à ribalta de mil olhos
pelo globo em volta...
Como o mar tão vasto
cabe entre sofás?
Como nos toca o mar
se a pele não nos molha?
À noite os gatos são pardos

À noite somos jonas e pinóquios
acomodados na barriga da sala
essa estranha baleia
cujas paredes entranhas
o oceano invade
e lambe até tarde...
Somos então outra casta de peixes
pescados nas malhas
de eletrônica rede.

REORDENAÇÃO DO MUNDO

Ó traças,
raça cúmplice da ruína
com pertinácia
rendilhareis papéis
retidos em esquecido livro
e fareis pó deste poema.

Ó traças,
raça cúmplice da vida
com perspicácia
reconduzis páginas
às folhas primárias.
A terra vos louva.



EXTRAMUROS

*Para Isabela,
desde menina,
a voar pelo mundo
“vestida de andorinha”.*

RASTROS DO PARAÍSO

Itanhaém, Itacoatiara,
Anhangabaú, Jabaquara...

Rastros do paraíso.

Mas os pássaros e os peixes

ubi sunt?

Mas as flores e as frutas

ubi sunt?

Mas as cobras e feras

ubi sunt?

Os donos do paraíso partiram.

Sobrou a herança dos nomes:

moedas circulando

nas bocas mestiças

negras, brancas.

São Paulo, 5/11/84

PAINAS PLUMAS

Aves no âmago dos ovos
dormem as painas do trópico
no cárcere dos capuchos.

Depois se desfaz o sono
e explodem em rosas nuvens
num abraço azul da tarde.

São outras rosas, serenas
flutuando junto às plumas
de cânticos em viagem.

E nevam. Nevam de leve
roçando a tépida pele
de setembro ardendo em febre.

LUZIÂNIA REVISITADA

Cavalos forasteiros no asfalto
me conduzem ao tempo do chão batido
aos velhos becos de poças e estrume
trinta anos atrás. Onde estão eles?
O som do sino some estrangulado
pelo rugido de rodas e motores.
Cores e toques turísticos nas casas
mascaram a bexiga do granizo.
Procuro a imensa sombra redonda
do tamboril reinando na praça
a verde e colossal galinha choca
cujas asas aninhavam meus filhos.
Tropeço na lenha do seu esqueleto.
A igreja, caolha sem uma torre,
fraturou a paisagem da memória.
Só as jabuticabeiras, olhos plurais
desorbitados por braços e troncos,
espiam na solidão dos quintais
os transeuntes curiosos vasculhando
reliquias da colônia, comprando
as seculares caixetas de marmelada
de remanescente quilombo.

A sorte é que ainda me lembro,
ainda me lembro de como era antes.

MINIATURA COLONIAL

Sobre telhas curvas
as pombas
pedestres
pisam canoas de borco.

Sobre telhas curvas
as pombas
marinhas
surfam ondas de oleiro.

A cinza das plumas
mergulha
no limo
resíduo de chuvas.

AURORA EM ALTO-PARAÍSO

Lúcida a manhã se debruça
na chapada verde e azul.
Vozes e asas rompem
o sono das frondes.
No chão as touceiras
de pali palãs*
são miúdas estrelas
temporãs.

Goiás, 20/11/94

* Pali palã ou pelipantos: flor branca que floresce uma vez por ano na Chapada dos Veadeiros.

NATUREZA VIVA

Cicios
balbucios
de bambu

Cios
de insetos
nos fetos

Pólens
de pistilos
nas pétalas.

VELÓRIO VERMELHO

Os espatódios murchos
miúdos bólidos
no colo da grama.

Do precipício
das copas florescidas
quem impulsiona
o salto suicida
dos cálices?

A rotina das horas
rola:
os espatódios mortos
esperam
a chuva que sepulta
a terra luva.

CATEDRAL DE BAMBU

A Lenilde de Freitas

Conheço muitas catedrais.
Nenhuma como essa de bambu:
touceiras ogivas verdes
filtram o trânsito das nuvens
e revelam a cúpula azul
coroando a nave.
O vento tange órgão de folhas
enquanto macacos acrobatas
(bando de anjos em recreio)
gargalham contestando Bergson.
Deus, com certeza, está ali
escondido no nicho das moitas
atrás de treliças vivas.
Ajoelho-me no altar de limo
e arregalo os olhos do espírito.

Parque das Águas/São Lourenço

POSTAIS SUL-AMERICANOS

1. Das tetas de pedra
da mãe natureza
o perpétuo leite
jorra
ferve
e n t o r n a

Sete Quedas, Guaíra, 27/7/81

2. Voam as gaivotas
de Nahuel Huapi sobre
espelhos de ex-neve.
Nos portais do tempo
sobrevoam mapuches
sobrevoam espanhóis.
Tinta do dia e da noite
nos arcos da plumagem
estendem as gaivotas
seu império de paz
sobre pacíficos peixes
em perene viagem.

Bariloche, 31/7/83

3. Praia chamalotada
de onda e malacacheta.
Sobre a cinza areia
(papel de Anchieta?)
conchas pétalas de rosa.

Itanhaém, 8/11/84

4. Chapada de Borborema
imóveis nadam os peixes
em sólido mar.
Guelras de pedra
sempre frescas.

SP, 10/11/84

5. Acácias e flambuaiãs
proclamam a vida
contra o luto dos prédios maias
vestidos de lodo e limo.

Mérida, 3/6/84

6. O beija-flor de Nazca
não conhece a pressa
das efêmeras pétalas.
O beija-flor de Nazca
silente, sereno, namora
sem furor as estrelas.
Refratário às erosões
dura o rupestre amor
mais que o ciclo dos cometas.

Rio, 1.º/11/85

7. Bananeiras aos farrapos após
a noite de raios e açoites.
Negras cabras de ubres prenhes
armazenam o leite do momento
entre pedras ossos do tempo.
Estrelas de mamona em pleno dia
num céu ao alcance dos braços.
E o verde vário e soberano
reinando sobre o mormaço.

Petropolis, 1985

8. O chapéu das chuvas
despenca sobre o planalto
cobrindo as bastas cabeças
de jamelões e mogubeiras.

Brasília, outubro, 1992

9. Plumas de
 sumaúma
uma a uma
 juncam a rua
miúdas nuvens
 de bu lha das
da altura de oculta lua
 suam enxuta
chuva brancura pura
 na garupa
escura da rua

Parque Guinle, 2001

POSTAIS DE PARIS

1. *Luxembourg*

Pés mastigam pétalas
na axila da primavera.
Mas a alma grisalha
rumina as tintas
de estações submersas
em íntimas ruínas.

2. *Rue de Longchamp*

O coração se enreda
pelas rendas de sacadas
onde, rubros, sorriem
gerânios ressurretos.

3. *Louvre*

O visível aí está
arestas claras
frontes manifestas
ombros definidos.

Porém, o que me atrai
é o extraviado perfil
da Vitória de Samotrácia
os braços perdidos
da Vênus de Milo.

4. *Saint Eustache*

Quedar-se à sombra
da fachada longa e severa
assuntando o segredo
armazenado nas pedras.
Quedar-se na paz da praça
enquanto águas cantam
e pombas bordam a tarde
de diáfanos fios
bicando o vazio
junto comigo.

5. *Cluny*

A harpa gótica acorda canção
adormecida em sono secular.

Muros esculpidos por pretéritos
ventos e persistentes chuvas
prestam mudo testemunho.
Do muito que passou, o pouco que sobrou
é relíquia milagrosa.
Oito séculos e os versos de Chrétien de Troyes
chegam embrulhados em pó e mistério.
Palavras ilhas afloram
em mar de anônimos murmúrios:
chastel, rose, cheval, pucelle...
Construo uma ponte por onde
trôpega peregrino
atravessando trevas medievais
entre gradis de sonho.

6. *Parc Montsouris*

Raio raso e rente
o trem te penetra
rasgando a verde seda
que te veste a pele
alvorçando o rosto
das rosas assustadas.

7. *Tour Eiffel*

Vertical a carcaça de metal
do dinossauro cartesiano
hipnotiza os turistas
formigas no vão das vigas.

8. *La Seine*

De alma debruçada
sobre a úmida falca
escuto o diálogo surdo
entre o cais e a corrente
o que jaz e o que se desprende.
Entre margens engessadas
na história escrita
ágrafas navegam
sem âncora de memória
as águas da vida.

9. *Montparnasse*

Nenhum beijo mais longo
nem desejo mais contido.
Os amantes de Brancusi
subvertem o cemitério.
Vivos no jazigo, invictos
em palco de cinzas.

10. *Place Clichy*

No umbigo do mundo
Oswald vira Pedro Álvares.
Seus olhos livres
veem o Brasil
pela primeira vez.

11. *Tuileries*

No lombo do jardim
rápidos florescem
penachos ouro e carmim.
Ventas o verão farejando
cascos o chão socando

brotam os cavalos.
Lázarus de outros séculos
as lápides levantando
instalam solenes
– em ato oficial
e pompa a Napoleão –
a primavera animal.

12. *Bois de Boulogne*

Metais do outono:
a cúpula de chumbo
filtra gotículas
de chuva prata;
o azinhavre das árvores
cobriu-se de ferrugem;
sob o açoite do vento
a ramagem esfacela
folhas de flandre e cobre
sobre a relva bronze.

13. *Notre Dame*

Ombros de pedra flutuam
no fluir das eras
fixados pelos arcos botantes
enquanto os instantes se infiltram
nos vitrais em primavera
a colorir os rituais
iluminados pelas velas da fé
ou pela luz da razão:
locus do mito e do logos.

14. *Saint-Germain-des-Prés*

A homilia da missa
acompanha-me à mesa
do Le Deux Magots:
*Dieu est fragile puisque
l'homme est fait à son image.*
Entre a igreja e o bistrô
o granito celebra antigos fregueses
místicos simbolistas
existencialistas incrédulos.
Suas vozes desencarnadas
arranham-me a memória.

Mais l'homme est fragile
tal a chávena que se quebrou
entornando o chá de agora
no chão do Le Deux Magots.

15. *Musée Rodin*

Ali sob o teto azul
e o verde piso
o pensador medita
o infinito além do finito.
Seu olhar apenas roça
o contorno da forma
a emergir da matéria:
escultura incompleta
ilha cabeça do corpo
montanha submersa.

Paris, junho de 1995

ROMA SOB PÓLEN

1. No sopro do vento o pó
navega vestindo de leve
o amável corpo de Roma.

De mistura a cantos e aroma
o pólen cobre as colinas
os verdes ombros ao longe.
Alcança cúpulas de ouro
escadas colunas torres.

No sopro do vento o pólen
apalpa a pele de telhas
casas amarelo-laranja.

O pólen pousa sua nuvem
de plumas nos pés das praças
no colo de alvos terraços.
Na cabeça das pessoas
que acaricia e abraça.

A primavera, reinado
de flor no ar, tem um jeito
colorido de nevar.

2. Entrando no Palazzo Altemps
dou logo de cara com
deuses em carne e osso
ou melhor, em mármore.
Tão concretos que posso
inclusive tocá-los
sentindo a soez frieza.
Embora o esguio pé direito
das imponentes salas,
parecem deslocados
assim fora do Olimpo
sequestrados tão perto
entre paredes de afresco.
Na *loggia* vizinha
encontro os imperadores
esculpidos em traços realistas
cabelos talhados a estilo
narizes reconstruídos
por cirurgiões plásticos
peritos na arte do gesso.
Quem tinha sido quem
sabe-se bem: Trajano, Nero,
Marco Aurélio, Antonino.

Sem dúvida o cruel da visita
é encarar os mutilados anônimos:
decapitados, desmembrados,
restos de um tempo sem rosto
trastes de ignotos desastres.

3. Ó amáveis pinheiros
pródigos produtores de sombras
cones pinhões agulhas.
Copas talhadas em cúpulas
sobrepassando telhados
torres muros colunas.
Ramas sempre verde-escuras
contrastando o rosa-sangue
de crepúsculos e albas
o azul e o cinzento típicos
ao giro das estações.
Hierática imobilidade
oposta às nômades nuvens
a vos abraçar em vôos.
Paira entre vossas ramagens
o segredo do triunfo:
semeais pólen e paz
contra ventos e vendavais.

4. Ostia fustigada
pelo temporal
de primavera
reconquista a paz:
eis a chuva reduzida
a minúsculas poças
debruadas de pólen.
Altivos pinheiros
se autocontemplam
em líquidos espelhos
empoados de amarelo.

*À Clara Ventura que me
ensinou a comer pinhões*

5. Lacradas à resina
as pinhas no pátio.
Frutos-cones ou
flores de madeira?
Ao sol, as lenhas pétalas
lentas desabrocham
o pequenino e escuro
armazém de pinhões.
É quando chegam
bicos de pássaros
a romper os escrínios
das miúdas amêndoas.
Irmãos quanto à fome
os homens competem
com as aves e logo vão
quebrá-las com as mãos
a menos que a chuva
feche os cofres à chave.

6. O poeta Murilo Mendes
não mora mais em Roma.
Revejo-o emoldurado
em aristocrática, longilínea sala
de secular austero *palazzo*
rodeado de objetos de arte.
Em cima de antiga mesa
a escultura em acrílico
esplende em forma e luz
o leve cristal moderno.
Lembro-lhe a conversa tensa
durante o tradicional jantar.
O desejo de permanecer em Roma
na incerteza do Brasil pós-ditadura.
Os conselhos do profundo
conhecedor de história e arte:
“Não deixem de ir a Siracusa
e Taormina, toda a Magna Grécia”.

Trinta e sete anos se foram
e a memória é redutora.
Sobra pouco de tanta coisa.

7. Em Santa Maria del Popolo
Caravaggio pintou
os pilares da igreja
fora de convenções hieráticas:
de um lado
São Pedro deitado na cruz
do outro
São Paulo a cair do cavalo.
Nenhum na abóbada celeste
guindado pela Graça
a sublimes alturas.
Ambos ao rés-do-chão
espaço condizente a homens.

8. Rebanhos em transumância
passam de raspão
por vales arquetônicos
de esculturas tapeçarias mapas.
Pastores bilíngues
condensam séculos
em palavras apressadas
e conduzem a manada
por salas corredores escadas
até a capela Sixtina.

Flashes teimosos
aborrecem os guardas:
No photos, no videos.
Em pé aglomerados os animais
gostariam de prostrar-se
deitados na posição de Michelangelo
ao pintar a capela. Depois, sempre
tangidos pelo pastor, vão-se
embora ungidos de êxtase
como quem conseguiu ver o céu
ao preço módico de um torcicolo.

9. *Saecula saeculorum*
segue o Tibre seu rumo.
Transformaram-se as margens
mas suas águas resistem.
Passaram por lá cavalos
em bigas e quadrigas
senadores cônsules césares
papas tetrarcas ditadores.
Passam por lá autos e motos
moradores e turistas
a raça humana em seus trajés.

Tranquilo arrasta-se o rio
antigas cheias domadas
pelo rijo travertino.
É a mim que o Tíbre agora
inunda ao espelhar a tarde
ébria de sol, moribunda.

10. Repousa nas vísceras da terra
a Roma refratária ao pólen.
(O império das trevas
veda o acesso à primavera.
Flores fontes grinaldas pássaros
apenas em desbotados afrescos).
Após o mergulho de escadas
só a chama da fé e das velas
ousa visitar o recôndito
dédalo de mistérios sacros:
aras criptas catacumbas
enigmáticas salas cisternas
turvos condomínios de sombras
onde (pasmem!) a vida palpitou
um dia e deixou escassos vestígios
para que a imaginação se instale
e a criatura encare a fugacidade.

11. Derramam as nespereiras
ramos carregados de frutos.
Por eles subo faminta
escarpas de íngremes jardins.
Estão distantes os pomos
e sem vara ou escada alço
em vão braços pra alcançá-los.
Esplendem, porém, bem longe
a rir da gula impotente.
Tanto me amarga esta boca
a desejar o impossível
que eu Tântalo me sinto.
Se fosse cega, imagino,
não passaria por isto.
Que a visão, porém, me baste.
Nêsperas remotas, sinto,
não cabem a meu paladar.

12. Pinheiros altíssimos
ultrapassam colunas
e esbanjam sombras
sobre a eviscerada
vila de Ostia Antica.

Heras jogam xales verdes
nos ombros crus dos
muros desmoronados.

Matagal e flores silvestres
tecem tapetes nas pedras
e se imiscuem pelos
mosaicos incompletos
a pavimentar veredas.

No antigo mercado
nem mercadorias
nem mercadores.

Palco e plateia às moscas
no anfiteatro abandonado
à persistência das folhas.

Casas sem portas e tetos
abrigam por moradores
ninhos de inseto e poeira.

Onde os ilustres donos?
Os que sentavam nos tronos
ou pobres, limpavam as soleiras?
Sol e chuva apenas
– soberanos –
reinam sobre as ruínas.

13. Em Vila Giulia
ao lusco-fusco do crepúsculo
coloco no kylix etrusco
pétalas de rosa e jasmim.
Súbito, no vaso arcaico
a negra palma eterna
recolhe a hora efêmera.

14. A mulher etrusca
busca a beleza no espelho
e não esconde o desejo
que nutre pelo homem.

Lado a lado senta-se com ele
na tampa da tumba.
Seguros miram o futuro
oculto além-túmulo.

Raios astros e vísceras
mostraram o mapa
de longínqua galáxia.

Foi-se o tempo foi-se a carne
mas o exemplo de fé
ainda incendeia a tarde.

15. Domingo de verão
face ao mar em Porto de Enea
a ressurreição pagã.
Sobre areias e dunas
estatuária romana ao vivo:
corpos nus de tecidos.
Despidos da vergonha cristã.

16. Sobre o reboco
do templo sagrado
a grossa mão de cal
escondeu o mundo pagão.
Cumpria exhibir as cores
propalar as santas dores
da época dos mártires.

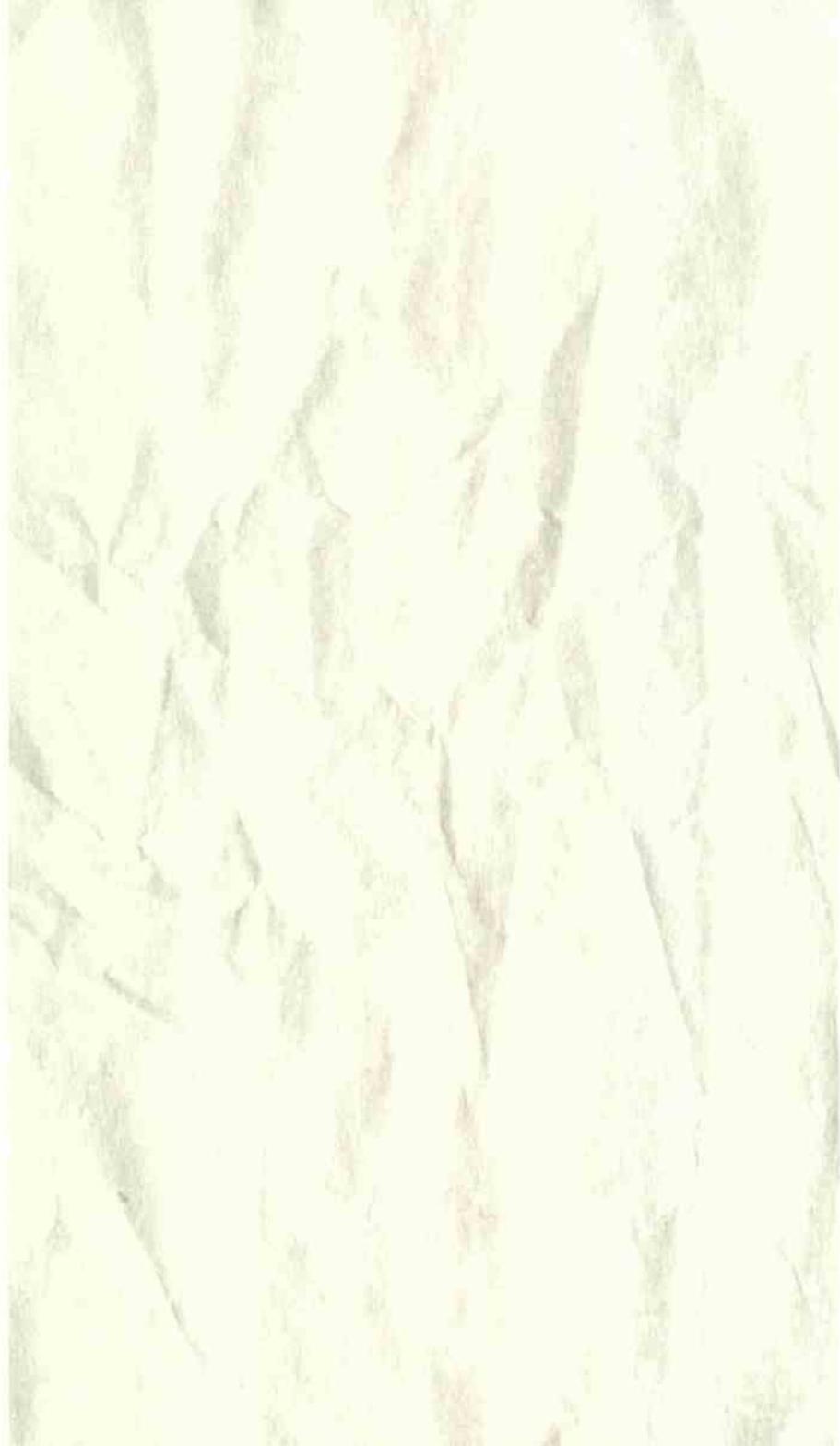
17. Os olhos lambem
sem poder mordê-lo
o passado em palimpsesto.
As narinas farejam
o presente a se mostrar:
aroma de oleandros
e resinas de pinheiros
a se esvaírem no ar.

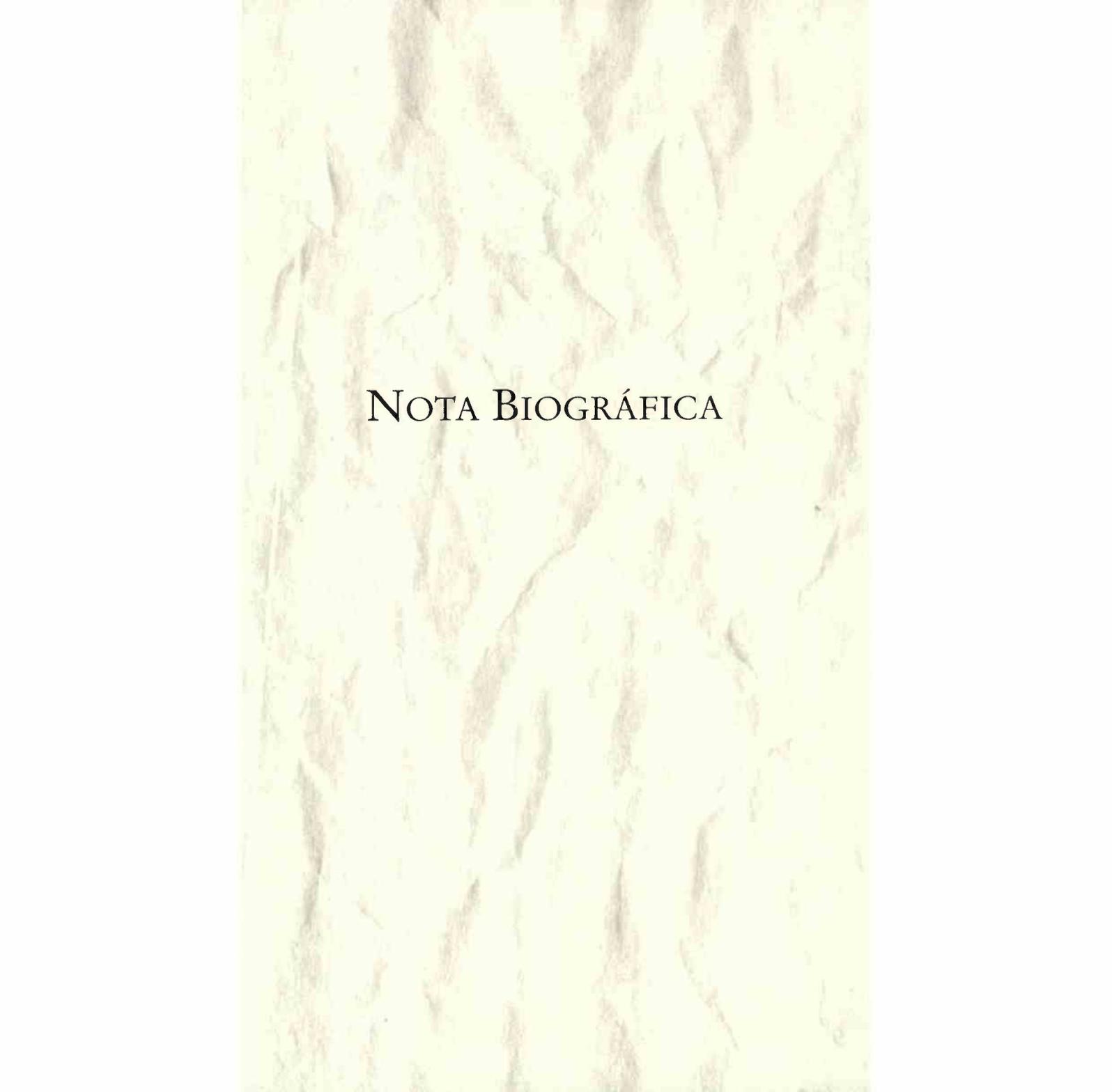
18. Lâmpadas escorraçam a noite
com feixes luminosos
implantando pequeno dia
no mercado de Trajano.
Corpos nus em bronze e pedra
povoam as ruínas imitando
troféus da arqueologia helênica.
Procedem do contemporâneo atelier
de Mitoraj na vizinha Toscana.
Nenhuma escavação. Apenas
o transporte e a curadoria artística.
Africanos do Norte dançam
e cantam em francês crioulo
um episódio da colonização.
Espetáculo para estudantes
na área cultural do mercado.
De Chicago chega-me a voz
distante de um amigo querido.
Vivo em Roma esse momento
raro de mosaico mágico.
Reparto-me em fragmentos
vários de tempo e espaço
recortes nítidos entre as
imprevisíveis fronteiras.

19. Sol nenhum apaga o saldo
ou a cicatriz da guerra.
Longe do luto a primavera
se enfeita de pétalas e abelhas.
Diante do hospital, na maca
pequeno embrulho de braços
o homem cabeça-tronco
contempla andanças alheias
bailado de outros corpos
abraços de outros braços.
Parado na ilha da maca
o homem cabeça-tronco
recorda aos que passam
soltos, livres, flexíveis
seu desastre sem cura.
Sua imobilidade abala
o esplendor da primavera.
Semeia medo no peito
das pessoas a seu redor.
Contudo, chega a sorrir.
Triste flor do homem feito
metade, aquele sorriso
afirma a cruel vitória
da vida sobre a catástrofe.

20. Rumor de trem atravessa
o ventre da terra em trevas.
Súbito, dez vagões estacam
e na plataforma subterrânea
um arremedo de sol ilumina
o milenar muro romano
junto a adventício Mac Donald's.
É aí que as mandíbulas
humanas de hoje mordem
o moderno instantâneo pão
manipulado em máquinas.
É aí que as goelas de agora
engolem o vinho da coca-cola
e num só ponto dá-se o encontro
de duas épocas bem distantes...

Roma, maio de 2004



The image features a background of marbled paper with a pattern of brown, tan, and cream-colored veins. A vertical strip of plain white paper runs along the left edge. Centered on the marbled background is the text "NOTA BIOGRÁFICA" in a black, serif font.

NOTA BIOGRÁFICA



Astrid Cabral Félix de Sousa nasceu a 25/9/36 em Manaus, AM, onde fez os primeiros estudos e integrou o movimento renovador Clube da Madrugada. Adolescente ainda transferiu-se para o Rio de Janeiro, diplomando-se em Letras Neolatinas na atual UFRJ, e mais tarde como professora de inglês pelo Ibeu. Lecionou língua e literatura no ensino médio e na Universidade de Brasília, onde integrou a

primeira turma de docentes saindo em 1966 em consequência do golpe militar. Em 1968 ingressou por concurso no Itamaraty, tendo servido como Oficial de Chancelaria em Brasília, Beirute, Rio e Chicago. Com a anistia, em 1988, foi reintegrada à UnB. Ao longo de sua vida profissional desempenhou os mais variados trabalhos, fora e dentro da área cultural. Detentora de importantes prêmios, participa de numerosas antologias no Brasil e no exterior. Colabora com assiduidade em jornais e revistas especializadas. Viúva do poeta Afonso Félix de Sousa, é mãe de cinco filhos.

OBRAS PUBLICADAS:

- Alameda* (ficção) 1.^a edição. Rio de Janeiro: GRD, 1963; 2.^a edição. Manaus: Editora Valer, 1998.
- Ponto de cruz* (poesia). Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.
- Torna-viagem* (poesia). Recife: Pirata, 1981.
- Zé Pirulito* (história infantil). Rio: Agir, 1982.
- Lição de Alice* (poesia). Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.
- Visgo da terra* (poesia). Manaus: Edição Puxirum, 1986; 2.^a edição in *De déu em déu*; 3.^a edição: Manaus: Editora Valer, 2005.
- Rês desgarrada* (poesia). Brasília: Thesaurus, 1994.
- De déu em déu* (poesia reunida). Rio: Sette Letras/Biblioteca Nacional, 1998.
- Intramuros* (poesia). Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1998
- Rasos d'água* (poesia). 1.^a edição: Manaus: Editora Valer e Governo do Amazonas, 2003; 2.^a edição: Manaus: Editora Valer, 2004.
- Jaula* (poesia). 1.^a edição: Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.
- Ante-sala* (poesia). 1.^a edição: Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2007.
- Antologia pessoal* (poesia). 1.^a edição: Brasília: Thesaurus, 2008.
- 50 poemas escolhidos pelo autor*. 1.^a edição: Rio de Janeiro: Galo Branco, 2008.
- Doigts dans l'eau* (poesia traduzida). 1.^a edição: La Rochelle: Les Arêtes, 2008.
- Cage* (poesia traduzida). 1.^a edição: Austin, Texas: Host Publications, 2008.

Este livro foi impresso em Manaus, em junho de 2011. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi OrigGarmnd BT no corpo 11. O projeto gráfico – miolo e capa – foi feito pela Valer Editora.

Trapos da noite nas pálpebras
levo à mesa do café
a ressaca da insônia
e apática me defronto
com a ágil apressada manhã
de xícaras tilintantes.
Que fazem aqui as laranjas
emigradas das árvores?



VALER
EDITORA

conseguia desprender-se dos galhos das árvores, com a sua prosa e a sua bela poesia impregnada dos humos do rio Negro e da argila dourada que se lança de dentro da floresta com o nome de rio Amazonas, aos encantos eternos do mar.

Depois Astrid virou o mundo em sua carreira diplomática e se especializou em teoria literária como professora de nível superior. E nunca mais abandonou a poesia, nem a poesia a abandonou. Seu aprumo técnico vai paralelo ao sopro de uma sensibilidade de escol. Possui mais de 15 livros publicados no Brasil e no exterior. É poeta em tempo integral. E dona de casa também, no velho estilo daquelas damas do passado. Tanto que ao oferecer este *Intramuros*, que sai em segunda edição ampliada com poemas novos, muitos ainda inéditos, diz a poeta:

*Àquelas companheiras
que põem a mão na massa
do pão e da palavra.*

Nada direi das virtudes estéticas do livro que tens em mãos, exigente leitor e querida leitora, porque a isso já se entregou Fausto Cunha no estudo da abertura da obra. O que desejo é simplesmente saudar a amiga e companheira de geração por mais esta colheita.

ELSON FARIAS

é escritor, autor de Barro verde, Romanceiro, da série "As aventuras do Zezé na Floresta Amazônica" e ex-presidente da Academia Amazonense de Letras